

PREVISÕES ECONÔMICAS PARA O BRASIL 2015

Economic forecasts for Brazil 2015

Aline Rech Spredemann¹

Resumo: Um assunto que vem preocupando muitos países é a economia. A economia de um país é o estudo das atividades econômicas, sua gestão e prática. Um exemplo é a produção, comercialização e o consumo final de bens e serviços. O governo precisa tomar decisões em que consiga manter a economia em equilíbrio, onde demanda e oferta andem lado a lado. Quando isso não acontece, temos por consequência juros altos e inflação, ou seja, crise. São momentos difíceis para um governo, pois deve tomar medidas rápidas para não prejudicar indústrias, comércios e a vida das pessoas, buscando novamente o equilíbrio. Como exemplo, temos o Brasil, que hoje está passando por uma crise, em que há uma carga inflacionária alta e quem mais sofre com essa situação é o povo, que acaba pagando mais impostos.

Palavras-chave: Economia. Inflação. Dilma Rousseff.

Abstract: A subject that is worrying many countries is the economy. The economy of a country is the study of economic activities, management and practice. An example is the production, marketing and final consumption of goods and services. The government needs to make decisions which can keep the economy in balance, where demand and supply walk side by side. But when it does not have consequently high interest rates and inflation, crisis. These are difficult times for a government, it must take quick action to avoid harm industries, businesses and people's lives, again seeking balance. As an example, Brazil, which is now going through a crisis where there is a high inflationary burden and who suffer most from this situation is the people, which end up paying the country, taxes and high prices.

Keywords: Economy. Inflation. Dilma Rousseff.

Introdução

Há tempos existe uma crise interna no Brasil, em consequência do atual modelo de desenvolvimento econômico que se baseia no aumento do consumo da população. Quanto maior o consumo das pessoas e empresas, entende-se que existe desenvolvimento.

Os incentivos que o governo oferece à indústria não geram mais resultados, pois a população está endividada. Precisamos de mudanças, há necessidade de uma nova estrutura econômica e não ficar aprovando emendas constitucionais. Uma nova gestão que permita haver desenvolvimento econômico e, ao mesmo tempo, equilíbrio na competitividade com mercados externos, pois com tanta inflação, nossas casas estão sendo invadidas por produtos chineses.

Como surgiu a economia brasileira

A economia brasileira, ao longo de sua história, viveu vários períodos até chegar a nossa realidade. Em cada período houve setores mais privilegiados que outros, ocorrendo, por consequência, mudanças sociais, políticas, populacionais e culturais na sociedade brasileira. Vamos conhecer um pouco da história econômica brasileira até os dias atuais.

O primeiro período, que seria o surgimento da economia brasileira, foi a extração do pau-brasil, realizada pelos portugueses. Eles contratavam o trabalho dos índios para corte, extração do pau-brasil, que era madeira avermelhada utilizada na coloração de tecidos na Europa. Sua

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniassevi.com.br

extração foi realizada desde o litoral do Rio de Janeiro até o Rio Grande do Norte, remunerando-os através do sistema de trocas, mais conhecido como escambo.

O segundo período da economia brasileira foi o plantio da cana-de-açúcar, utilizado pelos portugueses para substituir a beterraba na produção de açúcar, pois o custo de produção se tornava muito mais barato em relação à beterraba. O processo para geração do açúcar era feito a partir dos engenhos, tendo tração animal ou humana para produção. Adotou-se, assim, o latifúndio e a monocultura como método agrícola na produção de açúcar. Foi a partir da cana-de-açúcar que a mão de obra se tornou escassa, vindo a surgir o trabalho escravo, importando africanos, surgindo assim, o tráfego negreiro. Segundo Furtado (2006, p. 54):

Não bastava a experiência técnica dos portugueses na fase produtiva e a capacidade comercial e o poder financeiro dos holandeses para tornar viável a empresa colonizadora agrícola das terras do Brasil. Demais, existia o problema da mão de obra. Transportá-la na quantidade necessária da Europa teria requerido uma inversão demasiadamente grande, que provavelmente tornaria antieconômica toda a empresa.

Nesse período, houve grande ocupação portuguesa do Brasil, através da Pecuária extensiva que atingiu o interior brasileiro. Já no século XVII, expedições buscavam por todo o território brasileiro metais preciosos, como ouro, prata, cobre, diamantes e esmeraldas, denominado ciclo do ouro no início do século XVIII. Começou em São Paulo, passando por toda a área central do Brasil, o que impulsionava a venda e a troca dos metais valiosos entre os tropeiros que levavam as mercadorias de uma região a outra.

Outro importante período foi o do café, que fez a economia brasileira crescer no início do século XIX até a década de 1930. As primeiras sementes de café foram contrabandeadas da Guiana Francesa e foi o produto de exportação por quase 100 anos. Furtado afirma (2006, p. 48) que “a medida que o café aumenta sua importância dentro da economia brasileira, ampliam-se as relações econômicas com os EUA. Já na primeira metade do século esse país passa a ser o principal mercado importador do Brasil”.

Sua cultura se concentrou nos estados de Rio de Janeiro e São Paulo, seguindo uma faixa chamada terra roxa até o Paraná. Ainda no século XIX, foi descoberta a seiva da seringueira, utilizada na fabricação de borracha. Iniciou-se, assim, o ciclo da borracha na Amazônia e no Acre brasileiro, atendendo todo o mercado europeu.

Nos anos de 1950, predominou a corrente econômica desenvolvimentista, que foi do Governo de Getúlio Vargas até o Regime Militar, também encontrado na gestão de Juscelino Kubitschek.

Na era Vargas, na década de 1920, o Brasil alcançou elevadas taxas de crescimento econômico. Nesse período, se desenvolveu a maior parte da sua infraestrutura em pouco tempo, mas muitas vezes o governo estava em desequilíbrio, aumentando a dívida externa, tendo como consequência uma alta inflacionária. O método de transporte mais utilizado nesse período foi o rodoviário.

Nos anos de 1970, o produto com maior ênfase foi a soja, chegou ao Brasil a partir de sementes da Ásia e EUA. Foi utilizado no seu cultivo a monocultura mecanizada, que gerava mais lucros para o agronegócio e, por consequência, deixou uma alta taxa de desemprego no campo. Essa crise na agricultura familiar teve o surgimento do Movimento Sem Terra (MST). A produção de soja teve um grande crescimento em expansão territorial em direção à Amazônia, provocando assim, desmatamento em grande escala.

Entre 1969 e 1973, vivenciou-se o chamado milagre econômico. Com o surgimento da indústria, foram gerados empregos e alta na concentração de renda em que o PIB (Produto

Interno Bruto) chegou a marca de 14%. A política nesse período era controlada pelo Regime Militar, vivenciando o seu auge. Essa industrialização se concentrava nos estados de Rio de Janeiro e São Paulo, assim, atraiu imigração em massa vinda de regiões mais carentes do Brasil, um exemplo é o Nordeste. Segundo Dowbor (2015, p. 1):

O resultado é que você teve um milagre econômico, mas basicamente de multinacionais que vieram aqui produzir para as elites. O que se produzia na época? Automóvel, televisão, geladeira. Os apartamentos para a classe média e a classe média alta. Isso casava bem com o que foi o regime militar. A concentração de renda era necessária para expandir o mercado, porque eles trouxeram para um país pobre produtos que eram generalizados nos Estados Unidos. Só que esses produtos não estavam dentro da capacidade de compra dos mais pobres. A maneira de você expandir o mercado para bens relativamente sofisticados era concentrar a renda. Daí que se aumentou essa bolha de classe média e, até hoje, a gente se sente nela. Isso reforçou a elitização e quando se preencheu a bolha de prosperidade, todo o sistema caiu de novo.

Na década de 80, foram desenvolvidos vários planos para controle da inflação, sem sucesso nenhum. A inflação é fundamentalmente na luta entre grupos pela redistribuição da renda real e que a elevação do nível de preços é apenas uma manifestação exterior desse fenômeno (FURTADO, 2006).

Ainda houve consequências, como o não pagamento das dívidas internacionais, que trouxe problemas econômicos perdurados por anos. Os anos 80, na economia brasileira, ganhou o nome de “Década perdida”.

Da Crise do Petróleo até início dos anos 1990, viveu-se um longo período de instabilidade e de recessão. Com altos índices de inflação, junto com arrocho salarial, crescimento da dívida externa e crescimento pífio.

Milagrosamente, no governo do presidente Itamar Franco, esse cenário começa a mudar. Instala-se no Brasil o plano Real e a economia começa a se recuperar. Esse plano foi defendido pelo Ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, que mais tarde se elegeria presidente do país, em que diz que o crescimento se deu pelo fortalecimento das instituições nacionais para controlar a inflação e trazer investidores internacionais.

O presidente Lula, reconhecendo os ganhos desse método de economia, manteve as linhas gerais, só adaptando alguns conceitos ao que defendia o PT (Partido Trabalhista). Segundo Dowbor (2015, p. 1):

A partir do governo Lula, pela primeira vez, o Brasil teve uma guinada. O conceito e arrocho salarial estão baseados em uma visão de economia que não se aplica mais. Todos os avanços tecnológicos na área produtiva hoje se baseiam no pouco que tivemos de investimentos nas áreas sociais. Quando uma empresa contrata um jovem engenheiro de 25 anos, esse rapaz representa 25 anos de investimento social. É uma pessoa que vai ajudar o país a desenvolver atividades sofisticadas. Se não tivermos esse investimento no homem – no conjunto de setores que tornam a pessoa efetivamente capaz de produção – nenhuma área funciona e você não tem bolo nenhum. Nós aumentamos a capacidade produtiva e vimos o tamanho do déficit social, porque não se investiu de maneira equilibrada nos processos produtivos diretos, ou seja, no vetor que faz funcionar o conjunto da máquina produtiva – os trabalhadores, as pessoas.

Em que é baseada a economia brasileira?

A economia brasileira é dividida em três setores: primário, secundário e terciário. Esses setores são definidos de acordo com os produtos produzidos, modos de produção e recursos

utilizados. Esses setores ajudam a mostrar o grau de desenvolvimento econômico do país ou região.

Seguem os setores:

Figura 1. Setores da economia brasileira



Fonte: Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/geografia/setores_economia.htm>. Acesso em: ago. 2015.

Setor Primário

O Setor Primário é a produção através de atividades econômicas, como agricultura, pesca, mineração, pecuária, extração vegetal e caça. Esse setor fornece matéria-prima para a indústria. É um setor muito importante e vulnerável ao mesmo tempo, pois depende do clima, fenômeno da natureza. A exportação de matéria-prima não gera muita riqueza, pois não agrega tanto valor como um produto industrializado.

Setor Secundário

Esse setor da economia transforma as matérias-primas (produzidas pelo setor primário) em produtos industrializados, como roupas, máquinas e equipamentos, automóveis, alimentos industrializados, produção de bens de consumo, eletrônicos, construção civil, geração de energia, entre outros. Agregam-se assim conhecimentos tecnológicos aos produtos de setor secundário, sendo o lucro mais significativo. Para um país ter um bom grau de desenvolvimento, necessita ter uma significativa economia voltada para o setor secundário. A exportação desse setor é um dos requisitos na geração de riquezas.

Setor Terciário

É o setor diretamente relacionado aos serviços. Os serviços são produtos não materiais realizados para satisfazer determinadas necessidades de pessoas ou empresas (terceiro). Podemos citar como atividades desse setor: comércio, advogados e profissionais liberais, educação, saúde, seguros, transportes, telecomunicações, serviços de informática, serviços de limpeza, serviços de alimentação, turismo, serviços bancários e administrativos.

Com a globalização, o setor terciário foi o setor da economia que mais se desenvolveu no mundo. Já no Brasil, atualmente, a economia teve um significativo aumento do setor terciário, pois através de pesquisas revelou-se uma diminuição da população que habita a zona rural, ocorrendo um ingresso da população nos setores secundários e terciários. Estamos passando por uma valorização excessiva da informação, em que as relações comerciais têm crescido de maneira intensa. Os serviços estão cada vez mais sofisticados, especializados e eficientes, onde o mercado busca pessoas para atuarem nesses segmentos.

Sete desafios da economia brasileira em 2015

1º Crise da Água

Com chuvas recentes, que aumentaram o nível do Sistema Cantareira que abastece São Paulo, a situação ainda é muito preocupante para o governo estadual. Essa situação afetaria as inúmeras indústrias da região que dependem da água, afetando um imenso polo industrial e mudaria o cotidiano de 5 milhões de pessoas. Essa paralização e racionamento diminuiria em 1% o PIB brasileiro em 2015.

Figura 2. Cantareira com nível de 6,4% da capacidade, na represa do Atibainha em Nazaré-Paulista (interior de SP)



Fonte: Disponível em: <<http://pbs.twimg.com/media/B-SS7jGIAAA1Ujv.jpg>>. Acesso em: ago. 2015.

2º Crise Energética

A falta de água, consequentemente, traz uma crise energética consigo, onde o volume das águas desce e atinge os reservatórios das hidrelétricas. A mais afetada até o momento é a do Sudoeste/Centro Oeste. Com as chuvas do último mês, os reservatórios subiram em 1,2%, sendo ainda uma situação de alerta, se houver um racionamento de 10% na energia elétrica no ano de 2015, será mais 1% de queda no PIB.

3º China

A China teve uma queda no crescimento econômico nos últimos seis meses. Essa situação foi causada pela desaceleração no mercado imobiliário e as empresas têm dificuldades em pagar suas dívidas. Se as empresas chinesas não produzem, o Brasil não importa matéria-prima. Mesmo com uma pequena desaceleração nas indústrias chinesas, já é um desafio para países emergentes como o Brasil. O minério de ferro, produto com mais volume de importação da China, teve seu preço negociado com uma queda de 50% no último período, gerando grande prejuízo para a economia brasileira.

Figura 3. Vista de contêineres empilhados em porto de Xangai, na China; economia tem desacelerado



Fonte: Disponível em: <<http://www.forbeschina.com/upload/ExHZ9QeyRt.jpg>>. Acesso em: ago. 2015.

4º Petróleo

Citando Nóbrega (2015):

Quem diria um partido de linhagem estatística e, assim, avesso privatização, o PT, comandou ações desastrosas na nossa mais admirada estatal, a Petrobras. É enorme o dano à empresa - na imagem, no respeito, no valor de mercado, na saúde financeira, no mercado de capitais e na capacidade de investir. São cinco pelo menos os desastres. Primeiro, o uso da Petrobras para financiar campanhas eleitorais, mediante criminosa e sofisticada rede de captação de fundos via superfaturamento de bens e serviços à empresa [...].

Em setembro do ano passado, o barril de petróleo era vendido há U\$\$ 100, esse ano despencou para U\$\$ 50. Por um lado, serviu de alívio para que o Brasil não importasse mais por um preço maior do que vendia no próprio país – ajuda a segurar um pouco a inflação e pode recuperar reservas perdidas. Em longo prazo, esses valores baixos vão fazer com que não se pague a retirada do petróleo do pré-sal, pois para que a exploração seja viável, o preço do barril precisaria ficar entre U\$\$ 45 e U\$\$ 52.

Diz Nóbrega (2015):

[...] segundo, a mudança das regras de exploração do pré-sal. Saiu o regime de concessão, típico de países de instituições fortes como Estados Unidos, Reino Unido e Noruega. Entraram a cessão onerosa e o regime de partilha característico de países de instituições frágeis da África. No regime de concessão, confia-se nas regras do jogo se fazem negócios como em qualquer atividade. No de partilha, desconfia-se da estabilidade das regras e prefere-se receber em óleo.

Figura 4. Plataforma da Petrobras, no campo Jubarte (ES); queda do petróleo pode inviabilizar produção



Fonte: Disponível em: <http://files.brazil.geblogs.com/brazil/files/2013/01/ge_petrobras_interno_1.jpg>. Acesso em: ago. 2015.

A Petrobras, maior empresa brasileira na extração de petróleo, descobriu, em 2008, o pré-sal, onde se tornou uma das maiores petrolíferas do mundo. No entanto, sua atual situação não inspira otimismo, o valor da estatal tem caído significativamente, dando dor de cabeça para a atual presidente Dilma Rousseff. Os principais problemas vividos pela Petrobras são:

- Controle do preço dos combustíveis: o controle do preço da gasolina e do diesel pelo governo para estabilizar a inflação é a maior causa da crise econômica da Petrobras. O Brasil, hoje, consome mais do que produz, tendo a Petrobras que importar o produto, não podendo repassar todo o valor gasto na compra ao consumidor brasileiro, pois haveria pressão inflacionária afetando assim suas contas. Nóbrega (2015) afirma:

[...] o controle de preços dos combustíveis, que eram vendidos no mercado interno abaixo dos custos de importação. Abandona-se a fórmula pela qual os preços internos eram ajustados de forma transparente e previsível, com base nos seus valores no Golfo do México e na variação da taxa de câmbio. Passaram a prevalecer a vontade e os interesses eleitorais do governo. A Petrobras amargou prejuízos de 60 bilhões de reais, o que agravou sua situação financeira.

- Endividamento: é a mais endividada estatal entre as grandes empresas produtoras de petróleo e gás. Atualmente, a dívida é de R\$ 221,6 bilhões. Grande parte dessa dívida origina-se na política de controle de preços dos combustíveis, em escândalos de desvio de dinheiro e em um plano ambicioso de investimentos.

- Casos Pasadena e SBM *Offshore*: dois escândalos envolvendo superfaturamento e pagamento de propina. O primeiro foi a polêmica compra de 50% da refinaria americana Pasadena em 2006, quando Dilma era presidente do Conselho de Administração da Estatal e autorizou a compra por U\$ 360 milhões, mais tarde uma cláusula contratual obrigou a Petrobras a comprar a outra parte gerando um total de U\$ 1,18 bilhões. Diz Nóbrega (2015):

[...] negócios superfaturados e sem justificativa empresarial, de que são destaques a refinaria de Pasadena e a de Abreu e Lima, cuja construção foi decidida por Lula com base em critérios políticos. Escassos de justificativa técnica e plenos de custos excessivos, tais investimentos dificilmente trarão resultados semelhantes a outros da empresa [...].

Sendo que em 2005 essa mesma refinaria foi comprada por uma empresa Belga por U\$\$ 45,5 milhões. Esse caso está sendo investigado pela Polícia Federal e pelo Tribunal de Contas da União. Dilma Rousseff diz que teve acesso a informações incompletas e que parecia vantajoso o negócio. A Petrobras preferiu não comentar. Já a segunda crise houve no suposto pagamento de propina a funcionários da Petrobras de cerca de U\$\$ 139 milhões entre os anos 2005 e 2011, pagos pela empresa holandesa SBM *Offshore*.

- Perda de valor de mercado: todo esse escândalo leva a Petrobras a uma imagem negativa, onde os investidores vendam as ações, fazendo com que o preço de mercado decaia. Em 2009, uma ação era vendida a R\$ 30,00 e hoje é de R\$ 13,00, um dos valores mais baixos já alcançados. Já, o valor da empresa no mercado caiu de U\$\$ 124,7 bilhões para U\$\$ 90,6 bilhões, gerando um problema para os acionistas. Assim, para os brasileiros, não é descartado mais aumentos no combustível, que vão ajudar a estabilizar o caixa da Petrobras. Diz Nóbrega (2015):

[...] e em consequência dos demais, o valor de mercado da Petrobras caiu cerca de 80% nos últimos seis anos. Os investidores estrangeiros, que interpretam a perda como efeito da corrupção, moveram ações coletivas contra a empresa na Justiça Federal americana. [...] serão lentas, difíceis e custosas a reconquista da confiança dos investidores e a volta do acesso aos mercados internos e internacional de capitais. [...] Arrasada e aviltada, a Petrobras precisa de um líder capaz, decente e de alto respeito profissional, designado sem interferência política e que possa preencher os demais cargos com gente preparada [...].

5º Dólar

Não há uma perspectiva animadora com relação ao dólar, pois o banco central americano deve elevar as taxas de juros, deixando o dólar na faixa de R\$ 3,00. A maior alta em 10 anos, para exportadores brasileiros é um bom momento, com preços bem atrativos.

Por outro lado, há um aumento no custo dos financiamentos para pagamento da dívida brasileira, pois é em dólar. Assim, dificulta os investimentos e a aquisição de financiamentos para as empresas. Como o real vale menos, é difícil importar para suprir o mercado interno, elevando a taxa de inflação.

6º Inflação

A inflação brasileira tem como meta legal o valor de 6,5% ao ano. No ano de 2014, a inflação já ultrapassou esse teto, chegando a 7,4% e as perspectivas para 2015 são por volta dos 7,5%. As causas principais para esse aumento desenfreado é o custo da energia e o transporte.

Em seus trabalhos, Celso Furtado (2006, p. 37) deixou muito claro:

Que a inflação é um mecanismo de transferência de recursos. De forma geral, dos pobres para os ricos. Mais especificamente, das pessoas que têm renda fixa para os que têm renda variada. Uma empresa cuja matéria-prima teve seu preço aumentado, acaba aumentando seu preço de venda. Ela tem formas de acompanhar a evolução da inflação. Um banco passa a captar dinheiro com um preço mais alto, ele joga isso nos juros. Eles têm como repassar o processo inflacionário para frente. Agora, quando a inflação bate no trabalhador, ele fica esperando o reajuste salarial. Só se ela for empurrada durante todo o mês. Então, quando ele recebe o pagamento, na semana seguinte, o salário já vale muito menos.

7º PIB (Produto Interno Bruto)

São esperadas informações pessimistas com relação à inflação, bem como ao crescimento do PIB em 2015. O Banco Central anunciou que o PIB 2014 teve regressão de 0,15% na economia, pior situação desde 2009. As expectativas para 2015 é de uma variação nula no PIB brasileiro, onde o Brasil ficaria na mesma, diz economistas.

Como o País foi para o buraco

Dilma Rousseff, que em 2009 era aprovada com 64% da população, hoje vive uma realidade bem diferente, ou seja, bem ruim. Nesse decorrer de começo de segundo mandato, compara-se seu governo com o de Collor, um dos piores até então. Esses resultados negativos atingem, principalmente, a população. Nós que pagamos a conta de luz, o combustível, os alimentos e encaramos a falta de empregos. A cada dia fica mais difícil para a presidente jogar a culpa em outra pessoa. O povo revoltado demonstra essa insatisfação através de painéis, um exemplo é quando Dilma fez seu pronunciamento ao Dia da Mulher, em 8 de março. Ela foi vaiada outra vez em uma exposição em São Paulo, além das greves dos motoristas por todo o Brasil e manifestações agendadas para o dia 15 de março, promovendo uma marcha em todo o país. Temos que tomar atitudes, pois já estamos cansados de ouvir somente promessas. Vejamos algumas promessas do atual governo e o que foi feito na realidade:

- No discurso de campanha, Dilma disse que não haveria tarifário e, na realidade, a luz subiu quase 60% até agora, tendo aumentos significativos também nos combustíveis e cosméticos.
- Não haverá cortes em setores importantes como saúde, educação e programas sociais, na realidade, houve cortes de investimentos no valor de R\$ 7 bilhões na educação.
- Não mudaria direitos conquistados na Legislação Trabalhista, no último mês houve alterações no abono salarial e seguro-desemprego.
- Não combaterei a inflação com desemprego, arrocho salarial e, na realidade, sobe a taxa SELIC, sobe juros no Banco BNDES e sobe os juros dos financiamentos da caixa para compra da casa própria, deixando milhares de pessoas com o sonho mais distante.

O que fazer para sair dessa lama?

Com tão pouco tempo de seu segundo mandato, Dilma está rodeada por uma crise, congelamento da economia e sem dinheiro para investir. O povo cada vez mais revoltado, quer soluções, decisões para achar uma saída. Segundo economistas e analistas especializados no assunto acreditam em cinco formas de tentar mudar essa realidade. A primeira é uma reforma radical em que apagaríamos os erros passados e colocaríamos pessoas com capacidade no governo, assim, o povo confiaria nessa mudança. Sessariam os protestos e o Congresso ajudaria na recuperação da economia. Já a segunda, é a reforma Ministerial, onde se transfere os ministérios para a base aliada PMDB, tentando assim aumentar as chances de aprovação de medidas que tragam resultados. A terceira saída é a renúncia onde a presidente deixaria a Michel Temer, vice-presidente a responsabilidade de restaurar a economia. A quarta saída é a resistência, onde Dilma continuaria no comando, fechando os olhos para os protestos e viveria isolada no Congresso e a quinta e última saída é o *impeachment*, em que Dilma seria deposta do comando. Caso impedissem também o vice-presidente de assumir o controle, o presidente da Câmara abriria uma nova eleição. Assim, enquanto o governo analisa essas situações e muitas outras saídas para esse caos, nós (a população), vamos continuar cortando gastos, diminuindo o consumo, economizando água e luz.

Considerações finais

Ao concluir esse trabalho, percebe-se que desde o surgimento da economia brasileira, ela nunca esteve em estabilidade. Houve anos bons, com crescimento e desenvolvimento, e anos ruins, marcados pelas crises. Hoje, o Brasil está passando por dificuldades, tendo um desequilíbrio nas contas públicas, em que se está gastando mais do que se arrecada. Assim, uma dívida que o governo estava conseguindo diminuir desde 2002, manteve-se estável em 2013 e elevou-se em 2014. As causas dessa situação se resumem a seca no Sudoeste, em consequência, a crise energética, um direcionamento político da economia por parte do governo, a fragilidade fiscal, o escândalo da Petrobras etc. Esse último fez com que a recuperação econômica dos Estados Unidos ajudasse os investidores a retirarem seu dinheiro do Brasil, pois é muito arriscado, com a economia nesse sobe e desce, buscando assim países com economia estável para investirem, o que levou o Real a uma queda drástica. A população brasileira está percebendo o risco e deixando de investir e consumir, poupando para futuras consequências. Contudo, a economia brasileira parou! Crescimento nulo em 2014 e começo de 2015, com perspectivas de recessão até o final do ano.

Referências

AMORIM, Ricardo. **Palestras sobre economia e oportunidades**. 2010. Disponível em: <<http://www.ricamconsultoria.com.br>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

DALTRO, Ana Luiza. As promessas e a realidade. **Revista Veja**. Editora Abril. Ed. 2409 – n.3., 2015.

DOWBOR, Landislau. **O sistema financeiro trava a economia do país**. Fev. 2015. Disponível em: <<http://www.dowbor.org.br>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

FREIRAS, Eduardo de. **Setores da economia brasileira**. Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com.br>>. Acesso em: 11 fev. 2015

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

NISHIMORI, Luiz. Economia brasileira baseada no consumo gera estagnação. **Jornal Nippak**. Ed. 30 de agosto de 2012. Disponível em: <<http://www.portalnikkei.com.br>>. Acesso em: 6 mar. 2015.

NÓBREGA, Máilson da. Da Noruega para a África e outros desastres da Petrobras. **Revista Veja**. Editora Abril. Ed 2407 – n.1., 2015.

LAPORTA, Taís. O que esperar da economia em 2015. **Revista Isto é Dinheiro** – Edição 23 de fevereiro de 2015. Disponível em: <<http://www.istoedinheiro.com.br>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

Sete desafios para a economia brasileira em 2015. **Folha UOL de São Paulo** – Edição 19 de fevereiro de 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br>>. Acesso em: 11 mar. 2015.

Artigo recebido em 15/06/16. Aceito em 18/08/16.